

Na política, o protagonista é o homem

Diálogo com Giorgio Vittadini na apresentação da nova edição de *O eu, o poder, as obras* de Luigi Giussani



Uma perspectiva na qual o nosso eu seja protagonista

Estamos vivendo um momento particular da nossa vida e da nossa história, que é dramático e desafiador.

Mas todo momento que tem um tom particular, que solicita mais a nossa consciência, é um momento favorável.

Por isso queria sugerir que aproveitemos este tempo para verificar o que o Senhor está propondo a nós. Eu me dei conta de que não é óbvio estar nessa posição de escuta, atentos e abertos. Também para mudar, mudar de direção. Para nos convertermos.

Todos sabem bem como é difícil falar de política hoje entre nós. Ou se está em batalha ou se evita argumentar para não brigar ou comprometer relacionamentos.

Pode-se abrir uma nova estrada?

Será que este tempo que se abre, no qual teremos que inevitavelmente enfrentar de novo questionamentos e posições diferentes das nossas, pode ser uma ocasião para nós?

Podemos ter essa posição de escuta? O que precisamos aprender neste tempo para podermos conviver e construir uma forma bonita e humana de estarmos juntos?

Tem algo novo aí?

Deixo essas perguntas abertas e proponho o texto do encontro que a Companhia das Obras do Brasil realizou no ano passado com o Prof. Giorgio Vittadini.

Acho que, lendo pessoalmente e juntos este texto, poderemos encontrar faíscas de uma novidade que pode incendiar nossos diálogos por um desejo novo: de vida, de construção, de amizade.

Podem-se encontrar aí ocasiões de diálogo entre nós para o qual podemos convidar também amigos e colegas. Como afirmou Vittadini neste encontro: “É necessária alguma outra coisa, é necessário aquilo que o magistério papal chama de multilateralismo: o encontro, o diálogo, a diplomacia. (...) [Giussani] havia prefigurado há trinta anos a crise, pondo no centro da questão que, se não se conecta o eu – o desejo do homem, seu desejo de bem – com a ação social e política, de um modo ou de outro, com a esquerda ou a direita, não é possível construir o bem comum”.

Não limitemos as nossas discussões à necessidade de escolha de um ou outro candidato político. Não reduzamos logo tudo a isso. Deverá ser dado o tempo necessário a esse aprofundamento, mas abramo-nos a outra perspectiva.

Uma perspectiva na qual o nosso eu seja protagonista, e o nosso “nós” seja mais consciente. O eu e o “nós” são os protagonistas da política. Que é pelo homem, não o contrário.

**Marco Montrasi, responsável pelo Movimento
Comunhão e Libertação no Brasil**

Fevereiro de 2022.



Relançamento e reapresentação do livro de D. Giussani “O eu, o poder, as obras”

Apresentação em forma de diálogo entre Giorgio Vittadini (Presidente da “Fondazione per la Sussidiarietà”), Rafael Marcoccia (Professor Adjunto do Centro Universitário FEI) e João Junior (Juiz de execuções penais em Macapá) durante o Fórum da Companhia das Obras do Brasil.

Sábado, 2 de outubro de 2021

Junior: O livro *O eu, o poder, as obras* foi publicado pela primeira vez na Itália nos anos 90. Ele ainda tem algo a dizer para a nossa época? Qual é a sua originalidade para os dias de hoje?

Vittadini: Ele é muito mais atual hoje do que quando foi escrito porque com esse livro Giussani percorre a Doutrina Social da Igreja, mas o faz de um modo original. Ele conecta o aspecto antropológico experiencial com o tema Doutrina Social da Igreja, que tem como centro a ideia de subsidiariedade e de solidariedade, ou seja, a ideia de que é o homem, em suas formações e grupos sociais, quem constrói a resposta às necessidades; e o Estado não deve substituí-lo nisso, e sim permitir que cresça e construa a partir de baixo, respondendo, portanto, às necessidades. Mas a Doutrina Social se desenvolveu sobretudo em termos jurídicos, organizacionais, falando do que diz respeito ao nexos com o Estado. Por outro lado, há todo o tema antropológico, da experiência, sublinhado pelo aspecto da fé, das religiões.

Giussani parte de antes, do aspecto do desejo, do que ele chama de senso religioso – desejo de verdade, justiça, esperança, beleza, bondade: isto está na origem da ação social. E a partir desse ponto de vista ele faz algo revolucionário, pois na nossa idade moderna o aspecto social e político tem um ponto de partida oposto: em termos políticos, o homem é egoísta e violento, a relação social e política é a tentativa de um grupo de prevaricar sobre o outro, de modo que se torna preciso recorrer ao Estado, o qual obriga as pessoas a ficarem juntas. Do ponto de vista econômico, pelo contrário, temos a ideia liberal, segundo a qual é o egoísmo do indivíduo através da mão invisível que traz o bem-estar coletivo darwiniano. Giussani diz que não é esse o ponto de partida. Em sintonia com todo o percurso dos papas desde João Paulo II, ele diz: é um homem positivo, um homem relacional, um homem que busca o bem quem constrói o eu, e é esse “eu” positivo que constrói as obras, o bem, a ação social¹. É esse ímpeto criativo que nasce na criação, que é confirmado pelo encontro com a fé e está na origem de tudo+ Lugares onde o eu é, antes de tudo, educado a levar em consideração o desejo e, em segundo, a perceber o bem comum, a não cuidar apenas dos próprios interesses. Esses corpos sociais são os pontos da subsidiariedade, nos quais o objetivo final é educar esse desejo. Então, o desejo não fica inerte, vê as necessidades das pessoas, dos pobres, dos que precisam de trabalho, vê a possibilidade de descobertas, então cria obras, que são tentativas de responder às necessidades das pessoas³. Não é que não aconteçam erros, limites, pecados; porém, em vez de ser o Estado violento que paralisa os indivíduos, há uma correção, levando de novo ao bem que vem dessas obras; é o modo como se educa

¹Cf. GIUSSANI, Luigi. O eu, o poder e as obras [livro eletrônico]: contribuição de uma experiência. Rio de Janeiro: Revista Passos, 2021. p. 183.

²Cf. Idem, p. 187.

³Cf. Idem, p. 71.

positivamente ao bem, alargando o conceito cristão de pecado e de correção. Essas obras também constroem o bem comum, não fazem as obras só para si, mas para todos, também para quem não é membro das associações. Então, o que é o Estado, o poder? É o lugar que pode ser opressivo ou que pode nascer da unidade dessas realidades sociais, pode valorizá-las, pode construir uma realidade política que é um compromisso entre elas.

Esse é o pensamento de Giussani; e por que ele é mais verdadeiro hoje do que há trinta anos? Porque a mentalidade liberal entrou em crise, entrou em crise com a grande crise financeira, entrou em crise com a ideia de sustentabilidade – como diz o Papa Francisco na sua Encíclica –, a ideia de que estamos destruindo o mundo e criando desigualdade. Pensem os dezessete objetivos de sustentabilidade da ONU. Não é suficiente o egoísmo, por mais que todos concordem que é necessário o respeito pelo outro, pelo planeta, pela mulher, pelos outros povos, essa crise diz não é possível mais pensar num capitalismo de mercado, que seja simplesmente o egoísmo das pessoas. Pelo contrário, é necessária uma mudança antropológica, o que Giussani prefigurava anos atrás. Não é verdade que os Estados que se baseiam na opressão, na guerra ou na tentativa de dominar os outros povos levem ao bem-estar, à democracia. Se não for uma convergência para a paz também em nível internacional, os corpos intermediários, que são os estados, mesmo em nível político não são capazes de assegurar a paz e desenvolvimento no mundo. É necessária alguma outra coisa, é necessário aquilo que o magistério papal chama de multilateralismo: o encontro, o diálogo, a diplomacia.

Então Giussani, depois destes trinta anos, mostra algo que não digo que seja uma receita, mas ele tinha prefigurado há trinta anos a crise – a crise das ideologias, do estado, a crise da política, da econômica –, pondo no centro da questão que, se não se conecta o eu – o desejo do homem, seu desejo de bem – com a ação social e política, de um modo ou de outro, com a esquerda ou a direita, não é possível construir o bem comum. Por isso, esse percurso do “eu” que é desejo, das obras que constroem o bem, dos corpos intermediários, de um poder que deve valorizar isso, hoje constitui uma via, uma sugestão para enfrentar os gravíssimos problemas que temos em 2021. Em 1990 achávamos que a história tinha terminado com um programa, que teria nascido do controle do comunismo, e cresceria a era do bem-estar, da pax americana, baseada no mercado, no mundo; hoje os problemas, depois do terrorismo, da crise financeira, depois da crise pandêmica, do perigo de destruir o planeta, nos dizem que essa mudança antropológica, esse nexos entre a experiência pessoal e o aspecto social, político e econômico é fundamental.

Rafael: No livro Giussani parte de uma antropologia positiva em que o ser humano é capaz de construir algo bom, justo, verdadeiro na realidade, ao contrário da mentalidade a que estamos habituados, da antropologia negativa, seja aquela que dá bases para o estadismo do Hobbes, o homem é lobo do homem, em que o estado leviatã tem que impor a sua força para resolver os conflitos belicistas entre os seres humanos, seja pelo liberalismo onde o indivíduo puramente egoísta responde exclusivamente às motivações econômicas, e o mercado com sua mão invisível vai coordenar um resultado eficiente ainda que não igualitário. Se reconhecemos que o outro é alguém como eu, no sentido de que temos as mesmas exigências fundamentais de verdade, beleza, justiça, bem, eu reconheço que o outro é um bem para mim, que é justo eu confiar nele, também na dimensão política. O senhor falou da necessidade do diálogo, porém vivemos numa época de uma grande divisão, “nós” e “eles”; as relações estão muito tensionadas, é um desafio dialogar, quase não há diálogo verdadeiro. Muitas vezes

**“Então, o que é o Estado, o poder?
É o lugar que pode ser opressivo ou
que pode nascer da unidade dessas
realidades sociais, pode valorizá-
las, pode construir uma realidade
política que é um compromisso
entre elas.”**



parece que o bem comum e a possibilidade de construir algo para além dos interesses particulares sejam uma coisa cada vez mais distante, utópica, muitas vezes até ingênua. Dentro desse contexto, gostaria que aprofundasse como é possível construir espaços de diálogos com consciência de que se trata de um caminho de longo prazo, num momento em que parece que precisamos de soluções de curto prazo.

Vittadini: Há trinta anos não havia uma opção diferente. Uma encíclica como a *Laudato si* seria impossível. O necessário era enriquecer o máximo possível, era uma nação ter uma relação hegemônica sobre a outra, não havia a ideia de que seria possível destruir o planeta e, portanto, de que o desenvolvimento poderia levar ao mal – não estava nem no perfil teórico, não era concebível. Hoje, todas as agendas mundiais, mesmo que depois tenham dificuldade para cumprir, têm dentro de si a ideia de que não se pode destruir o planeta, que a desigualdade é algo totalmente injusto, que há um problema de paridade e dignidade da mulher, que não se podem oprimir os povos, que há necessidade de desenvolvimento. As agendas internacionais têm esses temas que não tinham, não havia isso. Então nasceu a consciência de que assim não está bom, até mesmo nas organizações internacionais, mesmo que depois façam diferente.

As ideologias diziam que o mal era bem, o famoso trecho de Solienjtzin em “Arquipélago Gulag” dizia que jogavam os dissidentes de Moscou e faziam comer comida estragada e diziam que era boa. A ideologia é esse fato. O mundo nesse momento é uma grande batalha, como diz o Papa Francisco, é um “hospital de campanha”, mas não só no campo da solidariedade; trata-se da batalha sobre entre construir sobre esse novo paradigma ou não. Por exemplo, já não é possível tolerar a desigualdade, e no nível das organizações internacionais se pergunta como lutar contra o subdesenvolvimento – por exemplo, 180 multinacionais assinaram um protocolo comprometendo-se com os 17 objetivos assumidos pela ONU. Isso implica aquela palavra que parece inútil, educação, que o Papa Francisco repete sempre – tanto na *Laudato si* como na *Fratelli tutti* –. São aspectos segundo os quais a pessoa que se junta a outras é o primeiro ponto em que há uma mudança, e isso se torna fundamental. Nem a transição ecológica nem a defesa do ambiente podem ajudar as pessoas a entenderem, até as pessoas mais pobres, que um ato delas pode ser decisivo para humanidade.

Pensemos sobre a pandemia: antes da covid estávamos todos convencidos de que a saúde era um problema individual, os ricos talvez se cuidassem e os pobres não. Mas agora entendemos que o comportamento individual interfere na vida dos outros. Fomos fortemente marcados, acometidos com centenas de milhares de mortos. Se eu não respeito a higiene, não lavo as mãos, não me vacino, não uso a máscara, todos se prejudicam. Assim, dá para entender que o comportamento individual influi no coletivo, torna-se um modo de educar. Pensemos no positivo, nos anos passados visitei uma miríade de tentativas de reconstrução a partir de baixo, nas favelas da América Latina. Um exemplo espetacular foi a reconstrução da favela de Alagados, em Salvador, que quando conheci nos anos oitenta era um lugar com palafitas: primeiro interveio a AVSI, depois o Banco Mundial, depois doadores italianos, e hoje lá há um centro social onde os jovens podem frequentar. Então dá para ver que há possibilidade de trabalho e não apenas tentativas de expropriar as terras e impor comportamentos. Há uma infinidade desses fatos, como aconteceu nas reduções jesuíticas, que são um modo alternativo de desenvolvimento. De onde vem o Papa? Vem das favelas de Buenos Aires, vem de lugares onde ainda existem os padres que cuidam de muita gente; é um trabalho que deve começar em milhares de partes do mundo, e pode ser algo também

não católico. Outro exemplo é o trabalho da Rose em Uganda, que começou a cuidar das mulheres e crianças doentes de AIDS, desprezadas por todos, e conseguiu que elas comessem a se cuidar. Pensemos também, por exemplo, no que aconteceu na Birmânia antes do novo golpe militar, com a prêmio Nobel que educou à não violência e começou do nível pequeno para o grande. Na África do Sul, durante a transição do *apartheid*, se Mandela tivesse se movido de modo diferente talvez tivesse acontecido uma guerra civil. Ele foi um líder que esteve dezessete anos na prisão, depois dialogou com Clarke, presidente da África do Sul para levar uma transição pacífica.

Outro exemplo de iniciativas que partem do âmbito pequeno até chegar ao grande, foi a queda do muro de Berlim personagens como o presidente da Tchecoslováquia, Lech Walesa do Solidariedade que na transição para o fim do comunismo educaram a pessoa. Havel na Tchecoslováquia diz uma coisa muito semelhante a Giussani: o problema é a mudança de mentalidade⁴. Este é o momento em que no âmbito educacional podemos fazer algo parecido com o que foi feito na Idade Média europeia, quando, depois da queda do Império Romano, ocorreu a ação de muitos anônimos, monges, pessoas que fizeram a mudança. Por exemplo, os vikings eram os mais violentos, destruíam tudo, não perdiam nenhuma batalha, e depois de 250 anos tornaram-se os normandos, fator fundamental para o desenvolvimento cristão e humano. Nesse tempo não aconteceram guerras, houve educação dia a dia por monges, uma mudança de mentalidade, a descoberta do cristianismo.

Neste momento, que não é menos trágico do que o depois da queda do Império Romano, nós temos a mesma possibilidade, com personagens como o Papa Francisco, Giussani, São João Paulo II, Bento XVI, tantas pessoas que ganharam o Prêmio Nobel, pessoas leigas – sabemos que é um caminho, não uma utopia, que é preciso poder seguir para ter um desenvolvimento diferente. É algo possível, no dia a dia, que pode nos levar a um novo desenvolvimento, que seria inconcebível há trinta anos.

Rafael: Aqui no Brasil durante a pandemia pudemos identificar uma série de iniciativas que surgiram das dificuldades e das iniciativas das pessoas para construir o bem, a importância das comunidades intermediárias como construtoras do bem comum e de um lugar educativo, não porque elas são livres do erro, mas porque nos mostram um ideal que permite sempre retomar o caminho. Vemos muitas iniciativas já que o desenvolvimento da comunidade, do país nasce da pessoa, chega à sociedade, às instituições e retorna às pessoas, tornando-as corresponsáveis pelo bem comum, protagonistas do seu próprio destino, sem ficarem subordinadas aos ditames do estado ou do mercado. É verdade, o Brasil possui uma vasta rede de obras sociais, de empresas que trabalham para o bem comum, a Companhia das Obras é um sinal visível disso. Quando vivemos momentos muito desafiadores, pode ser a própria pandemia, pode ser quando vamos escolher os governantes, parece que há uma cisão: uma coisa parece ser o trabalho no dia a dia onde vivo, a outra parece ser a questão política. Parece que há um abismo, como se uma coisa não tivesse a ver com a outra, como se o meu trabalho cotidiano não pudesse oferecer critério para a escolha do governante ou para o enfrentamento da pandemia. No seu modo de entender, por que isso ocorre? E como assumir essa consciência de que o senhor falava sem delegar ao outro a tarefa de construção, como por exemplo nos momentos de eleição, em que delegamos aos

⁴ Vittadini aqui não cita um trecho específico do livro, mas faz referência a uma ideia que se encontra desenvolvida em O eu, o poder e as obras [livro eletrônico] (op. cit.), entre as páginas 32 e 39.

“Neste momento, que não é menos trágico do que o depois da queda do Império Romano, nós temos a mesma possibilidade, com personagens como o Papa Francisco, Giussani, São João Paulo II, Bento XVI, tantas pessoas que ganharam o Prêmio Nobel, pessoas leigas – sabemos que é um caminho, não uma utopia, que é preciso poder seguir para ter um desenvolvimento diferente.”



salvadores da pátria ou simplesmente ficamos paralisados, na postura de apenas reclamar ou lamentar a incompetência dos governantes?

Vittadini: Na construção dos Estados podemos observar dois aspectos. Um é o surgimento de ditadores, pessoas violentas que podem construir soluções que parecem mais rápidas, mas que depois levam à opressão das pessoas. Outro aspecto é aquele processo que a Doutrina Social da Igreja sublinha, processo de partidos que nascem e se inserem no mundo associativo, de base da vida social, de representantes que nascem do povo; e este é um dos conteúdos do livro do Giussani. Um exemplo é a experiência que houve no mundo italiano: pessoas que vêm dos sindicatos de associações de empresários, dos movimentos, representando os interesses e os ideais desses grupos. É uma ideia de democracia ocidental que não é baseada simplesmente no fato de haver um parlamento. Essa ideia de subsidiariedade e valorização de obras, ou seja, de partir das obras sociais, pode ter uma valorização no parlamento ou não. É a ideia de um empreendedorismo em que se valoriza o fato de não existirem somente multinacionais. A ideia de partido que vem da Doutrina Social da Igreja e da experiência popular é uma ideia diferente da do líder que comanda. A Itália viveu nos últimos vinte anos esse risco, como que dizendo ser necessário um homem no comando e muitas pessoas isoladas, então tivemos a experiência de partidos que se apresentavam como plataformas simplesmente e que queriam falar diretamente ao indivíduo em vez de falarem ao corpo social, que é o que fundamenta a democracia. Porém a construção italiana foi feita a partir de um compromisso entre partidos – como o Partido da Democracia Cristã – que chegaram a um compromisso virtuoso, do qual Ratzinger fala, no qual você pode ter ideias diferentes, mas aceita estar num Estado em que a experiência cotidiana se torna um fator que eu levo em conta e que limita o meu absolutismo.

Nós temos que relançar essa ideia de democracia que nasce desse modo, uma democracia que é participativa, filha de muitas realidades sociais pequenas.

Pelo contrário, nestes anos nós cedemos à ideia de que era suficiente apenas alguém, assim como no mundo anglo-saxão, nos Estados Unidos, um único homem no comando, mas não funciona. Precisamos chegar a um compromisso – como está explicado na terceira parte do livro de Giussani – que nasce da experiência cotidiana, do bairro, da cidade, da região, do estado, até do nível internacional, e isso permite conectar a vida pessoal à coletiva⁵. Essa é uma concepção que a Igreja sempre defendeu, que vai da construção dos partidos democráticos até a defesa das organizações internacionais. É isso que nós temos de retomar como concepção política, não podemos acreditar que um ditador, um homem sozinho ou um grande aparato possam substituir essa experiência.

Junior: No Brasil e no mundo as pessoas, as empresas, as instituições enfrentarão ainda muitos desafios na retomada pós-pandemia, basta ver a crise do trabalho, a crise energética buscando o que se chama de um novo normal da economia a partir da manutenção dos postos de trabalho, de tantos pontos de recomeço. Diante disso como a experiência de Giussani trazida no livro pode ser útil, servir de ajuda para as pessoas possam manter aceso o desejo de que ainda vale a pena viver, trabalhar quando o fim, o desemprego, o nada, a morte se mostraram tão evidentes durante a pandemia do novo coronavírus?

⁵ Cf. GIUSSANI, Luigi. O eu, o poder e as obras, op. cit., p. 191.

Vittadini: Vamos partir do positivo. O que houve nessa experiência em todo o mundo? Não houve apenas a pandemia, houve também o fato de as pessoas se sacrificarem pelo bem. Eu penso sempre, tanto no Brasil como na Itália, em quantas pessoas sacrificaram a vida: enfermeiros, médicos, padres. Eles deram a vida pelo bem, sacrificaram-se a si mesmos pelo outro. Vocês também citaram tantos lugares em que se construíram momentos de solidariedade. Paradoxalmente, a pandemia que gerou uma grande crise que ainda não acabou, em países como Itália e Brasil, que tiveram grande número de mortos, também possibilitou momentos em que se entendeu que individualmente não é possível seguir em frente. Dou exemplos extremos. Na pior fase da pandemia, em que havia o lockdown, muitos morreram sozinhos nos hospitais: que valor tiveram gestos gratuitos de enfermeiros, que pelo iPad permitiram a essas pessoas cumprimentar pela última vez os seus parentes? Que valor houve nas visitas feitas a idosos que estavam sozinhos? Que valor têm os bancos alimentares que deram alimentos a pessoas que ficaram mais pobres na pandemia? Que valor teve o trabalho de tantos pesquisadores que procuraram fazer as vacinas? Justamente aí se descobriu que a saúde não é algo que é possível termos sozinhos. Já não é possível pensar que eu me salvo sozinho e não estou nem aí para você. É fundamental participar de gestos coletivos. Penso na discussão que está acontecendo sobre a vacinação: se eu não me vacino, eu impeço você de viver; assim, a atitude pessoal nas pequenas comunidades se torna fundamental. Falemos também de outro tema para fazer o percurso histórico destes trinta anos até hoje. Há trinta anos, pelo menos em certos estados, havia a ideia de que o Estado é que intervém e resolve a pobreza, de modo assistencial, distribuindo os subsídios para os pobres. Hoje não há mais dinheiro, há um débito público que está nas estrelas, há Estados que não se sustentam mais; se não houver uma solidariedade de base, um compromisso público-privado, se não houver sociedades que colaborem com os Estados, não vai ter jeito. O aumento da desigualdade impera nos estados: o índice de GINI, que mede a desigualdade entre ricos e pobres, diminuiu entre os países, mas aumentou dentro dos próprios países; se não houver uma colaboração teremos um povo de derrotados sempre maior e um grupo sempre menor de vencedores. Como vimos no Meeting de Rimini um grande economista francês Fitoussi dizia: esse não é um problema de bem-estar, é um problema de desenvolvimento, outros economistas, como Stiglitz, também falaram isso. Não é possível pensar num desenvolvimento em que massas de pessoas estejam cada vez mais condenadas à pobreza, e isso só pode ser contraposto se houver uma colaboração, pois os Estados não conseguem fazer isso sozinhos.

Há uma pesquisa internacional de referência sobre esta questão, que é também econômica. Em 1995 o economista que ganhou o Prêmio Nobel, Kenneth Arrow, estudou esse aspecto: é possível conectar o bem-estar individual com o bem estar coletivo? É o famoso teorema da impossibilidade. Se cada um busca seu bem-estar individual, do ponto de vista político o resultado é a ditadura e para a economia o monopólio. Mas há um segundo aspecto dessa teoria que diz que é possível consertar isso e ele é um economista leigo, não é religioso; ele fala dos desejos socializantes, se as pessoas, de acordo com a ideia de subsidiariedade, se colocam juntas, renunciam a uma parte da utilidade individual para estes desejos socializantes. Desta forma se torna possível para que o outro também viva, as pessoas se unem e renunciam a viver em fazendas em Hollywood desde que haja pessoas que tenham casas dignas, renunciam ao fato de que suas famílias sejam hegemônicas sobre outras para que eles vivam, se existirem esses desejos socializantes, é possível que exista a democracia em termos políticos e o verdadeiro mercado em termos econômicos. Este é um pensamento que nós temos, nós que somos humanistas, e religiosos, e que está no livro *O eu, o poder, as*



obras. Essa é a grande batalha, é a batalha do Papa Francisco, é a batalha da Doutrina Social da Igreja, é a batalha daquela parte da economia que se recusa a basear-se no sistema financeiro e que quer o desenvolvimento, é a batalha de todos os movimentos populares que existem no mundo, dos lugares educativos, dos lugares de educação à fé, como é o movimento Comunhão e Libertação e como são outros movimentos. É uma batalha que conecta a minha ação de todos os dias, o meu bom exemplo, aos destinos do mundo, mas faz essa conexão de modo crível e não apenas teórico.

Rafael: No livro, Giussani, citando São Papa Paulo VI, diz que a política é uma forma suprema de caridade⁶. Num país onde a política é interesseira e corrupta, como educar os jovens para entenderem a política como doação de si, como o senhor desenvolveu nas suas respostas? De onde partir?

Vittadini: Essa educação poderia dar-se no ponto de vista teórico: o dever, a moral, mas isso não convence, o dinheiro, o sexo e o poder parecem mais fascinantes, mais atraentes. Há um segundo modo de educar que está na raiz: são para Giussani as palavras desejo, experiência, correspondência⁷. O que é que torna a pessoa mais feliz? Oprimir os outros e ficar rico ou ter um povo em que as pessoas estejam bem? Nós devemos recolocar no centro da experiência humana a ideia de correspondência, de gosto, da beleza de viver, beleza da vida para o outro. Ter uma experiência do “eu” que goza pelo bem do outro é mais bonito que ser corrupto e ter poder? Este é o tema que abordam Giussani e o Papa Francisco: quando o homem é verdadeiramente feliz? Há uma canção chamada Balada da caridade que pergunta como posso ser feliz se o meu irmão não vive. É necessário pôr no centro da ação social e política a ideia de correspondência, do gosto, porque o homem é feito para o bem. O livro da Sabedoria diz: “O homem é feito para a vida, mas busca a morte”; busca a morte, mas é feito para a vida. O grave erro foi pôr como foco central o dever, e isso também por parte de quem sustentava a política não corrupta: é preciso ser bom, é preciso não roubar. Não! É mais bonito não roubar, é mais bonito fazer pelos outros, é mais bonito construir! Essa é a força de Giussani: o que o torna mais feliz? Olhe para o teu coração! O que existe dentro de você? Veja se está realmente contente. Quantas vezes, conversando com jovens, eu pergunto: satisfaz mais possuir uma mulher no sentido carnal ou descobrir o mistério dela? É uma frase de Giussani, que quando fala da Madalena diz: quem possui mais aquela mulher, todos aqueles que a possuíram no sentido carnal ou Jesus, que olhando-a fazia com que descobrisse a própria dignidade? Quem a possui mais? É possível enfrentar o sexo de maneira moralista: “Tem que respeitar a mulher, não ter relações sexuais antes do casamento”, mas Giussani, quando falava de Jesus e Madalena, dizia: possuíram mais essa mulher os homens que se aproveitaram dela ou Jesus, que teve um relacionamento mais profundo, mais intenso, maior com ela? Você tem que educar à não corrupção porque é mais belo não roubar, porque é mais bonito fazer o bem, e não porque se deva fazer assim. Porque se a atenção é sobre o “deve-se”, a pessoa deixa de respeitar até isso. Quando em 1987 Giussani fez esse discurso em Assago os chefes da Democracia Cristã riram porque falavam: “Imagina se isso tem a ver com a política!”. Depois de alguns anos, eles foram arrastados pela corrupção porque eles não entendiam a diferença entre

⁶ Cf. Idem, p. 183.

⁷ Da mesma forma que trecho anterior, Vittadini não cita um trecho específico do livro, mas faz referência a uma ideia desenvolvida entre as páginas 42 e 47 do livro.

Cf. Cf. GIUSSANI, Luigi. O eu, o poder e as obras (livro eletrônico): contribuição de uma experiência. Rio de Janeiro: Revista Passos, 2021, p. 42-47.

De Gaspari e aqueles que fundaram a Itália, que fizeram isso porque era mais bonito construir para o povo. Então não podemos fundamentar uma política diferente senão na vida cotidiana, onde começamos a levar em consideração esse desejo de bem, a construção do verdadeiro, do justo, do belo. É a experiência da correspondência de beleza, de maravilhamento, a experiência dos grandes santos, de pessoas que se dedicam ao povo. A experiência da mãe que cria uma criança, de um homem que ama sua mulher de uma maneira sadia, a experiência de construir realidades sociais, de construir empresas para dar trabalho às pessoas. Tudo isso é mais bonito do que desfrutar das pessoas, porque fazendo assim você não degrada só as pessoas, degrada-se a si mesmo. É claro que, se na política também os cristãos separam da ação a experiência do gosto pelo belo e pelo bem, é evidente que não se consegue acabar com a corrupção. Reparem que as encíclicas do Papa Francisco têm este tema: é mais bonito! É bonito destruir o planeta ou ter um planeta em que todos possam viver? É melhor destruir a Amazônia, que é muito cara ao Papa Francisco, ou possibilitar que os índios possam viver ali junto com os outros? Qual é o verdadeiro desenvolvimento, aquele em que uns estão bem e outros são destruídos, ou o desenvolvimento em que todos possam viver? É o desafio da experiência pessoal: é o “quid animo satis?” de Santo Agostinho, o que satisfaz o homem verdadeiramente? Se nós não conectarmos a experiência pessoal de cada homem com a política, é claro que a política será corrupta. Nós podemos desafiar os corruptos, não com o Leviatã da punição, mas antes de tudo com o gosto de uma alegria no coração, de uma letícia, de uma correspondência de um rosto alegre. Porque o bem é mais correspondente ao homem, o coração não é feito para ser corrupto; como se vê no Inferno de Dante, as pessoas que fazem o mal ficam mal.

Rafael: Como fazer política de verdade e não apenas lançar discursos vazios nas redes sociais, na mídia?

Vittadini: É preciso antes de tudo viver dentro do povo, para o povo, pelo povo, estar com as pessoas. Político é aquele que está com as pessoas. Uma vez o papa Francisco falando aos bispos italianos citou o grande escritor Guareschi, que falando de Dom Camilo, dizia que era um pastor que conhecia o cheiro das ovelhas. O político deve conhecer o cheiro das ovelhas, deve ir às favelas, a lugares como eu conheço na Bahia, em que uma amiga, a Paola Cigarini que todos os dias encontra dezenas de pessoas e as faz felizes, fazendo com que estudem, brinquem; tem que encontrar amigos que fazem a escola agrícola em Manaus, para que os jovens aprendam a cultivar dentro da floresta. Você precisa ver o gosto das realidades de empreendedores italianos em Caxias do Sul, que dão trabalho a tantas pessoas. Conheci muitas obras na América Latina, no Paraguai com Giovanna Tagliabue, escolas no Chile. Você precisa ver todas essas coisas, aprender a dialogar com as pessoas. Quando você entrar no Parlamento você vai falar dessas coisas, quando criar leis será a partir das coisas que viu. Tem um filme muito bonito que saiu recentemente na Itália que conta de um intelectual que tem que conseguir dinheiro para as periferias das grandes cidades, de Roma, por exemplo, pede dinheiro à União Européia e a uma pessoa do povo que por um acaso encontra. Tem toda essa ideia de convivência e chegando no bairro essa pessoa diz a ele: o que vocês querem dizer com juntar etnias diferentes? Não é algo genérico: o paquistanês come feijão, o indiano não come carne de vaca, depois tem os egípcios que não suportam os senegaleses, tem os mulçumanos que fazem ramadã e cheiram mal naquele dia. A convivência quer dizer que as pessoas aprendam a viver juntas e é isso que muda o mundo. O político quando chega no Parlamento deve falar dessas coisas, não fazer discursos teóricos, ele tem que viver, deve correr pelos lugares como na Itália tem cidades que fazem cerâmica, outra onde se faz





tesouras, tem que saber que tem o banco alimentar, a indústria automobilística, tem que saber de todas essas coisas para fazer as leis. Reparem que isso não se dá só no nível pequeno, tem que acontecer em nível internacional. Por que a Europa renasceu depois da segunda guerra mundial? Porque havia políticos cristãos que se chamavam Adenauer, Schumann, De Gasperi que viram a guerra, que tinham amigos que haviam morrido. Alguns anos depois Mitterrand, que foi ao cemitério de guerra onde estavam sepultados franceses e alemães e eles falavam: “guerra nunca mais”, porque tinham visto a guerra. Também no nível internacional é preciso ter pessoas que sabem do que estão falando. De Gasperi em 1947 fez o discurso em Versalhes em que disse: “eu não tenho nada, só o sofrimento do meu povo!” Quando ele falava era comovente até para os inimigos porque falava de coisas que ele conhecia. O político é alguém que é do povo e participa daquilo que dizíamos antes, da subsidiariedade, das obras.

Por que a democracia cristã da Europa se corrompeu? Porque fizeram política e pararam de fazer catecismo, de ir para Igreja, deixaram de ser educados à fé. Se você faz política e deixa de estar com as pessoas, deixa de ser educado a fazer a confissão, a comunhão, você não pode defender um povo, não sabe mais quem ele é. Na América Latina, quantos líderes populares nascidos para defender o povo depois se tornaram violentos, revoluções que depois se tornaram contra o povo. O que aconteceu? Eles nasceram para defender o povo, mas aos poucos o poder os corrompeu, se tornaram a favor de alguns e em detrimento de outros, porque deixaram de estar com as pessoas, deixaram de fazer a experiência do que é a beleza e, aos poucos, se reduziram aos palácios, a defenderem os próprios interesses. Na América Latina há muitos exemplos disso: quantas foram as revoluções, as tentativas de libertação que nasceram pelo bem e terminaram depois mal, a origem era boa, mas quando as pessoas se separam da experiência cotidiana de bem, de diálogo acaba por fazer a política do mal. Na política internacional, quantas amizades entre os líderes foram necessárias para se evitarem guerras! Outros exemplos: teria sido desastroso se os países ocidentais tivessem bombardeado a Síria. Quem deteve isso? Papa Francisco que chamou, ligou para os líderes e disse: ‘você não podem fazer isso!’ Essa é a política na qual o aspecto humano, de relacionamento com as pessoas está presente. Monsenhor Pizzaballa que foi o chefe dos franciscanos no Oriente Médio contava que a alternativa à guerra por religião era a convivência pacífica que havia em muitas cidades que ele conhecia, onde existia convivência entre mulçumanos, judeus e cristãos, que se queriam bem uns aos outros. Lembrem-se de um episódio no Quênia onde os terroristas estavam diante de um ônibus com cristãos e foram os mulçumanos que os defenderam? É uma política de base que os políticos devem conhecer. No Líbano, um país em que até no nível constitucional podiam conviver políticos de partidos diferentes, isso foi destruído pela estreiteza da política assumida.

Resumindo, em primeiro lugar o político precisa viver em primeira pessoa a experiência da positividade, de verdade, de beleza, do gosto. Em segundo lugar precisa estar no meio das pessoas, saber qual é o sofrimento das pessoas, precisa responder a essas pessoas. Isso pode parecer uma receita menor em relação aos grandes equilíbrios internacionais, mas é aquilo que nos permite ter esperança de uma política diferente.

Pergunta do chat: Como o senhor vê a relação entre religião e política no contexto de movimentos populistas que instrumentalizam a religião em função de seus objetivos? E frente a isso, como enfrentar a realidade?

Vittadini: Sobre esse tema há palavras preciosas de Papa Francisco e Giussani. O problema

é que também a religião pode se tornar uma ideologia, porque ideologia quer dizer pensar que os preconceitos que temos se apliquem à realidade e que os outros estejam errados. A verdadeira religião, ao contrário, ajuda a fazer a experiência de bem e descobrir que o outro é um bem para mim. Então, o problema não é tanto da relação entre política e religião, mas o que é a religião. Desse ponto de vista, pensem no longo percurso que São João Paulo II começou e continuou com Bento XVI e Francisco, que é o encontro entre as religiões; as marchas de João Paulo II, Bento XVI que falou aos muçulmanos, Papa Francisco quando foi encontrar o Imã. A verdadeira religião é abertura em relação a Deus, e Deus é um Deus que ama e é abertura para o outro, amor pelo outro. Quando a religião se torna ideologia Deus se torna violento, o meu lado deve ir contra o outro, então a religião não é mais religião e instrumentaliza a política para dominar o outro. O problema então é: o que é a religião? O que é a fé? O que é o relacionamento com Deus? Então voltamos a essenexo fundamental que Giussani indica entre a religião e o coração. A natureza do homem, exigência de verdade, justiça vem antes da religião. A religião se não desenvolve isso é uma falsa religião, e quando é falsa religião se torna tentativa de violência política. Nós temos que anunciar antes de tudo uma fé que não seja hegemonia, esse é outro grande tema de Giussani, mas que seja caridade, amor, oferecer a outra face, tentativa de convivência pacífica, que seja diálogo⁸. Então, do ponto de vista da polis a primeira questão é o testemunho cristão que o outro é um bem para todos, o cristão é alguém que ama os imigrantes, os pobres, o trabalho, que ama o diferente, ama pluralismo, ama aquele que não pensa como ele e que, se tiver que escolher um método, ao invés de escolher a violência escolhe a não violência. Assim, mais uma vez a nossa vida cotidiana se torna um fato político.

Pergunta do chat: Por que partir do “eu” não é algo intimista?

Vittadini: Porque o “eu” se torna um “nós”, um “eu” que constrói realidade sociais. Um “eu” intimista não é um “eu” original. Nesse livro Giussani diz que o desejo põe em movimento o motor, então dá vontade ajudar o outro a melhorar, dá vontade de construir uma empresa, de melhorar as condições de vida⁹. O desejo do “eu” logo se torna um “nós” para melhorar a vida do povo¹⁰. O “eu” intimista que se fecha não é o “eu” do qual estamos falando, é um falso “eu”. No ímpeto do verdadeiro “eu”, no ímpeto do coração há um desejo de construção que é imediatamente social, tanto que a pessoa se casa, constrói uma família, tem filhos, precisa de amigos, quer ajudar o bairro onde mora, construir o país, o mundo. Quando há um terremoto tenta ajudar. O “eu” verdadeiro é um ‘nós’ que está inscrito no coração, um “nós” que constrói. O intimista não é “eu”, é a negação do “eu”. Mas, se negarmos o “eu”, não teremos o “nós”, teremos a ditadura. Se não se parte desse “eu” que se abre, domina a abstração, domina o falar de um “nós” que não conhece, de um território que não conhece – os outros são inimigos. Tudo nasce dessa experiência pessoal de correspondência, a mesma pela qual João e André seguiram a Jesus, a mesma pela qual nasceu São Francisco e São Bartolomeu de Las Casas fez o que fez, a mesma pela qual diante da violência há gente que se tornou mártir, a mesma pela qual tantas pessoas no cotidiano querem construir o bem ao redor de si, para quem quer que seja; a mesma pela qual existem os movimentos para educar a tudo isso.

⁸ Cf. GIUSSANI, Luigi. O eu, o poder e as obras., op. cit., p. 198.

⁹ Cf. Idem, p. 185.

¹⁰ Cf. Idem, p. 193-194.

Junior: Agradecemos imensamente a sua participação. O senhor gostaria de fazer alguma observação final para o encontro de hoje?

Vittadini: Entre 1986 e 1994 eu estive todos os anos na América Latina, indo a lugares muito distantes visitando obras. Espero que continue aquele tipo de vida, a multiplicação desses lugares onde acontece essa educação. Eu espero que mesmo diante deste cenário atual, não deixemos nunca de nos educar a construir lugares nos quais se trabalha para que o homem esteja no centro. Com a certeza de que nada é obvio. É uma batalha que promete muito. Estamos no início. Como diz o Papa Francisco, é uma mudança de época, cheia de perigos, mas também cheia de esperança.



*Texto transcrito e traduzido do vídeo em italiano, sem revisão dos autores das falas. O vídeo encontra-se disponível em <https://www.youtube.com/cdobrasil>

“Em primeiro lugar o político precisa viver em primeira pessoa a experiência da positividade, de verdade, de beleza, do gosto. Em segundo lugar precisa estar no meio das pessoas, saber qual é o sofrimento das pessoas, precisa responder a essas pessoas. Isso pode parecer uma receita menor em relação aos grandes equilíbrios internacionais, mas é aquilo que nos permite ter esperança de uma política diferente.”







“O desejo é como a fagulha com a qual se acende o motor. Todos os movimentos humanos nascem desse fenômeno, desse dinamismo constitutivo do homem”

LUIGI GIUSSANI

Realização:



Para mais informações, acesse:
<https://passos.cl.org.br/produto/eupoderobras/>